

**Gastão Cruz**

## **ÓXIDO**

Lisboa, Assírio & Alvim / 2015

Escrever um livro como foi vivido. Todos os poetas vivem a poesia antes de ela ser escrita, porque a experiência da vida é a única realidade da escrita (e da arte, em geral). Podemos então afirmar que *Óxido*, o novo livro de Gastão Cruz, vem na esteira natural de *Fogo* como capítulo novo da sua já longa escrita poética. Cada um destes livros foi apenas um corte.

Se, em *Fogo*, a imolação de detalhes da sua vida dedicada ao teatro, ou sacrifício clarificador do que resta e do que fica da morte e da memória, é uma constante que une os pequenos poemas, em *Óxido* essa alusão pessoal aparece mais dilatada e ganha contornos próprios. Parece preparar-se desde logo, ainda que não de forma intencional, o que viria a seguir. Num pequeno poema, um dos últimos de *Fogo*, a palavra já se encontra aqui em potência, conjugada no passado mais remoto e mais-que-perfeito da nossa gramática, o tempo em que toda a poesia de Gastão Cruz se parece conjugar («[...] o futuro / vinha por fim mostrar como o possível / oxidara dentro / de um ventre aberto ao dia»). No fundo, são palavras afins — óxido e fogo — e ambas concorrem na esfera lexical de uma terceira — a morte.

E, se quisermos ainda, este novo livro tem uma relação distante com um outro grande nome da poesia portuguesa contemporânea — Ruy Belo, e o poema «Ácidos e Óxidos» de *Boca Bilingue*.

Deixemos porém tais preâmbulos para nos adentrarmos mais detidamente em *Óxido*. Contrariamente à unidade, digamos, minimalista, dos poemas de *Fogo*, Gastão Cruz propõe-nos quatro grandes núcleos temáticos. O primeiro, «Ensaio Geral», aponta efetivamente para um começo, a parte final do trabalho *na ausência de público* onde o todo de *um espetáculo* pela primeira vez se articula e se testa. O nome desta parte parece trazer a carga metafórica do livro anterior, logo no primeiro poema — «Até Tornar-Se Fogo».

De uma forma geral, o subtópico dos transportes públicos e das multidões citadinas nessa circulação tem aparecido frequentemente nas últimas obras do poeta (e está presente neste livro, nomeadamente nos quatro *poemas iniciais*). No primeiro em particular, a reflexão parece situar-se na analogia entre a humanidade que circula diariamente em «carruagens cheias como praças» e o ensaio shakespeariano da peça da própria vida. O verso central (glosando o anterior, de Alberto Caeiro) resume essa ideia — «os versos partem para a humanidade / mas a humanidade para onde parte?» — e o dístico final conclui com chave de ouro, espécie de ponte entre livros: os homens nascem para a «luz mortal do ensaio» e pela vida circulam até que essa luz se torne o «fogo» que os consome. Veremos mais à frente como esta ideia é posteriormente desenvolvida.

Seguidamente, os poemas deste «ensaio geral» falar-nos-ão da sua praia, que supomos natal, mas *situa-os igualmente* no contexto mais amplo da limpidez desse espaço, igualmente evocador de memórias. Paul Valéry, Luiza Neto Jorge e Carlos

de Oliveira são, também por isso, alguns dos poetas aqui diretamente referidos ou nomeados. Gostaria, porém, de salientar «Dizer Um Nome». Esta é a única composição em que aparece assim nomeada a palavra «óxido» do título, palavra de resto central neste texto *em particular*. É igualmente um poema onde a palavra «nome», uma das que mais se repete *nestas páginas, está* título. Creio por todas as razões ser uma peça fundamental no contexto de todo o livro. Nomear é de facto o ofício da vida, e em concreto o de um poeta. O nome é a primeira marca de identidade que nos é concedida, e conhecemos as coisas através desse mesmo nomear. Mas «Chamar é um erro: que / nome / dar a alguém senão ninguém?», reitera o poeta mais à frente. Dizer um nome, chamar alguma coisa à sua identidade é redundante porque essa identidade existe por isso só, é «para nós evidente». Usando as palavras do autor no seu último verso, «dizer um nome é sempre uma heresia», e nesta última palavra, tão forte quanto o «óxido do ouro», expressão de um verso anterior, reside a força do poema — nomear uma coisa é quase atentar contra a sua própria divindade intrínseca, ao seu ‘ser-aí’ (*dasein*) como queria Heidegger.

«A Vida dos Metais», título da parte seguinte do livro, continua tematicamente a primeira, num exercício poético confessional e pessoal, entre o urbano («Thriller», «Num Bar») e a praia («O Mar em Agosto», por exemplo). Esta parte constitui, porém, uma nova inflexão mais literal dessa palavra polissémica que é «óxido»: «a vida dos metais é um enigma / mais denso do que a luz do nosso dia», diz-nos o poeta a um dado momento em «Metais». O curto poema «Corda» é aqui particularmente premente.

O «chamamento» impossível do nome, como vimos exemplificado atrás,

continua o diálogo intratextual neste poema. A tese desenvolvida é iniciada logo no primeiro verso («Ninguém tem nome:»). O sujeito poético conclui depois que, na inexistência de nome, existe apenas uma «corda de sons que prende o corpo», adjetivando-a inclusive de «escura», marcando a pele. Assim, o ferimento do corpo é o seu verdadeiro vestido, a cicatriz é o seu verdadeiro e possível nome. E parece ser chegado o momento, como nos é dito num poema seguinte, de «procurar o sinal do silêncio / passando na garganta de todo o espaço e tempo.»

A noção de Tempo, isto é, da sua passagem, parece então ser a matriz da poesia de Gastão Cruz. O que dele fica e o que nos resta aloja-se na memória, enquanto não se oxida, como os metais. A terceira e mais pequena parte do livro, «Campo», é simultaneamente uma reflexão e um testemunho sobre o quotidiano familiar algarvio, uma elegia em seis partes, cada uma sem título, à memória dessa vivência por um lado bucólica, e por outro lado cruel. Uma espécie de conto curto e elegante de instantes domésticos que não voltarão, como aquele que os termina e que nos fala da «açoteia», da «vida da casa», terminando com uma imagem de animais perfazendo continuamente o círculo de uma nora, «o futuro fechando nesse círculo instável.»

Como podemos então concluir, a questão importante que paira sobre este *Óxido* é sem dúvida a da Existência — o sentido da existência, em suma, a nossa inevitável oxidação, e de que forma o pensamento poético interage com ela, ou a prolonga, através de pequenos detalhes (já vimos a vivência na praia, «o ouro velho de outrora», a impossibilidade 'herética' de um nome nos salvar). Por conseguinte, creio que a forma que Gastão Cruz encontra para terminar o livro tem dupla pertinência e originalidade.

Em primeiro lugar, Gastão Cruz liga-se a Rimbaud e lê poeticamente a sua correspondência com a família («aux siens») a partir do exílio em Aden, no actual Iémen. Este diálogo, que adivinhamos consigo próprio, acaba por fazer convocar, logo de início, outras figuras literárias pertinentes e importantes da nossa tradição: Camões e Camilo Pessanha, poetas exilados e exímios conhecedores do Oriente, inscrito no seu corpo como cicatriz, como verdadeiro nome, como Rimbaud.

Assim, Gastão Cruz parece ir preparando o leitor para esta chegada a Rimbaud através da contínua alusão à impossibilidade de um nome nos fixar a existência. Rimbaud é um nome que hoje reconhecemos na tradição poética ocidental, mas igualmente um nome esquivo que escapa à sua própria inclusão nesse cânone, e por isso quase infixável. *Poeta de sete anos*, ou ainda menos, a sua biografia conta-nos uma história de desencanto com o mundo europeu, de rebeldia pensada e desiludida para com a espécie humana. Gastão Cruz transfere assim as suas próprias reflexões sobre a existência e o tempo para esta glosa coletiva de citações das cartas de Rimbaud.

O poema final introduz o corte do «fogo» e descerra a cortina do «ensaio geral» da vida. Se na primeira estrofe se pergunta, logo ao início «Existimos?», a segunda e última estrofe é clara: «Existimos: os mortos são os nossos / nomes próprios de vivos / no ensaio buscando a luz mortal que cresce / enquanto atrás do pano afinal já descido / o fogo amadurece» (sublinhados meus).

Mas «ninguém explica o poema» como diz na sua *ars poetica* «Luz Húmida», uma vez que o sentido da existência está precisamente no seu próprio acontecer. Por isso, aqui chegado, lemos no poeta do tempo que é Gastão Cruz o que Rimbaud poderia igualmente ter concluí-

do no fim da vida: «esse tempo foi meu, isto é com ele / por vezes coincidiu a minha vida / mesmo que sempre incerta e não tranquila.»

Corpo, luz, fogo, nome, morte, dia, casa, vida. De todas estas palavras se faz a oxidação da existência, belamente expressa neste novo livro.

*Ricardo Marques*